

O PORTUGUÊS MEDIEVAL E O ATUAL – CONGELAMENTO LINGUÍSTICO NA BAIXADA CAMPISTA

Moisés Pereira da Silva

Mestre em Ciências da Educação/UA
ISECENSA/Campos dos Goytacazes/RJ
profemoisespereira@yahoo.com.br

Valéria de Aguiar Lima e Silva

Especialista em Língua Portuguesa
CE 29 de Maio/Campos dos Goytacazes/RJ
profevaleria@bol.com.br

RESUMO

O presente estudo busca investigar o modo pelo qual o educador pode interagir na desconstrução dos preconceitos linguísticos, estimulando uma benéfica provocação a respeito das origens dos inúmeros vocábulos no município de Campos dos Goytacazes (RJ), sobretudo na Baixada Campista. Percebe-se que nesta localidade há uma intensa herança vocabular de cunho medieval oriunda de diversos mecanismos que estão relacionados a fatores geográficos (considerável isolamento espacial), ideológico (empecilho ao ensino regular) e histórico (legado da colonização portuguesa). Dessa forma, para suporte da análise, foi feito um recorte diacrônico da língua a fim de que houvesse um pleno entendimento da concretização linguística de algumas variações recorrentes no mencionado local. Para tanto, houve um recuo ao passado para consultar o dicionário de Rafael Bluteau (século XVIII), obra inicial do processo de registro vocabular que colaborou na solidificação da consciência do português como língua nacional. Retornamos ao presente para estabelecer comparações entre esses períodos. Após examinar a citada obra lexicográfica e compará-la com a linguagem da Baixada Campista, constatamos a presença de um arcabouço lexical – pejorativamente cognominado de "campistês" – correlativo ao utilizado pela classe dominante no período medieval na Península Ibérica. Através dos resultados obtidos, foi elaborado um glossário levando em conta a mencionada analogia.

Palavras-chave: Preconceitos linguísticos; Herança vocabular; Recorte diacrônico; Glossário.

Abstract

The present study aims to investigate the way in which the teacher can interact in the deconstruction of linguistic prejudices, encouraging a beneficial provocation about the origins of many words in Campos dos Goytacazes city (RJ), particularly in the Baixada Campista. It is noticed that in this location there is intense vocabulary heritage of medieval imprint coming from various mechanisms that are related to geographical factors (considerable spatial isolation), ideological (hindrance to

regular education) and historical (legacy of Portuguese colonization). Thus, to support the analysis was made a diachronic tongue cut so that there was a full understanding of linguistic achievement of certain recurring variations in the location mentioned. To this end, there was a decrease in time to see the Rafael Bluteau dictionary (XVIII century), initial work of the vocabulary registration process that helped in strengthening our awareness of Portuguese as the national language. We return to the present to draw comparisons between these periods. After examining the aforementioned lexicographical work and compare it with the language of Baixada Campista, we find the presence of a lexical– framework pejoratively nicknamed the "campistês"–correlative to that used by the ruling class in the medieval period in the Iberian Peninsula. Through the results, it designed a glossary taking into account the aforementioned analogy.

Keywords: linguistic prejudices, vocabulary heritage, medieval imprint, diachronic cut, Bluteau, glossary.

1. INTRODUÇÃO

Desde épocas remotas, a palavra exerce atração sobre o indivíduo. Nas primeiras civilizações, dominar certos vocábulos empoderava o possuidor desse domínio, conforme destaca:

O homem primitivo acredita que o nome não é arbitrário, mas existe um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto que ele designa. Assim sendo, não separa a palavra do referente que ela nomeia. Crê que se pode atuar magicamente sobre uma pessoa através de seu nome. [...] Um aborígene australiano acredita que um inimigo poderia praticar magia negra contra ele, se conhecesse seu nome. Na ilha de Chiloé, no Chile, os índios guardam seus nomes em segredo; se um espírito malévolos conhecesse poderia fazer lhes mal; não os conhecendo, seria impotente para agir. [...] Os antigos egípcios recebiam dois nomes: o nome verdadeiro e o nome onomástico, isto é, o nome grande e o nome pequeno. O Onomástico, ou nome pequeno, era público; o verdadeiro, porém, era secreto e ciosamente ocultado. (BIDERMAN, 2001, pág. 82)

Além disso, a palavra pode ser um mecanismo de: elucidação, provocação e ideologia, ou seja, consiste em um elemento emblemático,

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou

desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (BAKHTIN, 1999, p. 30)

Entretanto, é oportuno destacar que as variedades linguísticas, no Brasil, não são analisadas com seriedade. O ambiente escolar é pautado para lecionar a língua da cultura do poder e tudo o que se distancie desse padrão é visto como equivocando e, portanto, deve ser excluído. É notório que a prática linguística é um índice evidente da estratificação social, as camadas sociais são rotuladas pelo uso da língua,

Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão. (BAGNO, 2007, p.43)

Esse fenômeno acontece no interior de Campos dos Goytacazes (RJ), sobretudo na Baixada Campista (Goytacazes, São Sebastião, Mussurepe, Tocos, Santo Amaro), pois ali persistem inúmeros vocábulos que foram utilizados pelos escritores clássicos lusitanos,

Na realidade um dos pontos mais interessantes da história da língua no Brasil está nessa manutenção entre a gente simples da roça, de numerosos dizeres e locuções do português seiscentista. (MENDONÇA, 1973, p.41)

O acervo de palavras da citada região constitui um lastro riquíssimo para ser explorado pelos estudiosos da Língua Portuguesa. O mais interessante, todavia, é a possibilidade de verificação de vocábulos considerados desvios gramaticais, vistos como manifestações de ignorantes, mas que na verdade são heranças do português medieval.

Em geral os autores que dão uma palavra como arcaísmo consideram as coisas sob o ponto de vista de uso literário, mas o gramático não pode nisto, como no mais formular regra à língua. O que hoje ele aprova, amanhã é condenado pelo uso, o que hoje supõe morto, amanhã reaparece vivo na língua. (COELHO, 1881, p. 26)

Vocábulos como "antontem" e "pírula", por exemplo, ilustram o léxico da norma culta da Língua Portuguesa. No século XVII, essas palavras eram utilizadas no português medieval, porém, no decorrer do tempo, passaram por mudanças e hoje não fazem parte do uso padrão, por isso são rotuladas como formas desprestigiadas. Entretanto, é oportuno ressaltar que não se trata de um erro do falante, mas sim de uma conservação – por razões históricas – de formas antigas.

Através de uma análise mais profunda sobre essas palavras que caíram em desuso, mas que foram preservadas no município de Campos dos Goytacazes/RJ, é possível revelar resquícios do antigo filão do colonizador português.

Partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, [...] o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo (ISQUERDO, 1998, p.91).

Por meio de um levantamento, tendo como base textos e dicionários da Era Medieval, foi possível elencar um glossário pertinente à norma padrão medieval e preservado no léxico da população campista. Isso é fruto de uma questão histórica: a região da Baixada Campista, local onde a herança medieval é mais preponderante, passou por um processo de isolamento geográfico e sociocultural. Dessa forma, o afastamento das transformações (inclusive linguísticas) da metrópole e as dificuldades de comunicação favoreceram na conservação de formas do português medieval.

2.CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-IDEOLÓGICA

O discurso é um fenômeno histórico no qual a manifestação linguística constitui um ato social com seus paradoxos, identificações e reconhecimentos. Portanto, é preciso levar em conta que ocorre uma estreita ligação entre a linguagem e os elementos exógenos, pois o mecanismo de significação linguística é histórico.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1999, p. 123)

Dessa forma, a língua é considerada uma extensão cultural e elemento que determina a construção do pensamento, já que a estrutura social produzirá distintos códigos linguísticos. Com isso, o educador pode desmitificar o preconceito linguístico à proporção que a semântica e a

oralidade existentes na dinâmica do processo de comunicação são intrínsecas à formação sociocultural, sobretudo da população dos distritos da Baixada Campista.

(...) o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.(ALKMIM, 2004, p. 31)

A possibilidade de identificar os vocábulos de teor medieval no município de Campos dos Goytacazes/RJ é viável a partir do viés histórico, ou seja, no estudo da formação da Planície Campista, dessa maneira há a possibilidade de compreender o porquê das variedades linguísticas correntes ao citado município.

A emblemática Baixada Campista apresenta uma grande importância histórica para o município, pois foi por ela que se iniciou a colonização portuguesa (1525). Em 1539, a região foi obtida por Pero de Gois e Gil de Gois, porém foi logo desprezada por causa das contendas com os nativos, que lutavam por suas terras.

E os "Sete Capitães" requerem e obtêm, em 1627, sesmarias na capitania abandonada. São eles MIGUEL MALDONADO, MIGUEL DA SILVA RISCADO, ANTONIO PINTO PEREIRA, JOÃO DE CASTILHO, GONÇALO CORREIA DE SÁ, MANUEL CORREIA e DUARTE CORREIA.(LAMEGO, 1945, p. 81)

A partir de 1629, o local foi ocupado pelos Sete Capitães como prêmio por sua luta, contra os franceses, em defesa do Rio de Janeiro.

[...] segundo Feydit, em 26 de março de 1539 por Pero de Góis e Gil de Góis a Capitania de São Tomé, a convivência entre os donatários e índios goitacás foi bastante turbulenta, com os nativos lutando por suas terras, destruindo canaviais, vilas e engenhos. Pero de Góis e Gil de Góis abandonaram a capitania, que foi ocupada depois, em 1629, pelos Sete Capitães como prêmio por sua luta contra os franceses em defesa do Rio de Janeiro. (BARCELOS, 1992, p. 7)

Para prestigiar indivíduos que sobressaíram na proteção territorial e nas atividades à Coroa, foram doadas Sesmarias. Alguns desses, que conseguiram relevo ao também dominar os silvícolas, os Sete Capitães, obtiveram parte da antiga capitania.

Depois da partição das terras e da ratificação de posse, instaura-se um perfil econômico no município: a criação de gado. Isso gerou o desejo de outros nas possibilidades econômicas. Pode-se atestar essa ideia através de “O Roteiro dos Sete Capitães” (1893, p. 5-6.):

Tínhamos grande desejo de irmos ver esta nossa nova propriedade, porém corria uma notícia muito desastrosa dos gentios Goytacazes, e assim ficamos indecisos algum tempo; aonde então tivemos a notícia que os selvagens Goytacazes mais ferozes costeavam pelo Norte do Rio Paraíba até às cordilheiras das minas do ouro, e que estes é que fizeram oposição aos dois donatários quando queriam dar começo à sua donataria ao Norte do Rio Paraíba, e os da parte do Sul era uma horda da mesma raça, porém muito mais pacíficos; e que nas ditas campinas havia duas aldeias destes, uma não muito distante de Macaé, e a outra na ponta do cabo de São Tomé. Com estas notícias ficamos mais satisfeitos e animados, apesar de que já tínhamos lidado muito com gente de semelhante natureza. Determinamos a seguir a vermos a nossa nova propriedade, quando nos coubesse no possível, pois tanto a necessitávamos para criação do nosso gado.

Os Setes Capitães, liderados pelo Capitão Miguel Aires Maldonado, têm com primeira incursão o roteiro de Araruama, Cabo Frio e Macaé. Pacificam-se com os indígenas à margem da Lagoa Feia. Ao chegar ao Cabo de São Tomé, deparam-se com outra localidade residida por onze naufragos lusitanos, constituindo a primeira presença da etnia branca na região. A mencionada comunidade informa aos Sete Capitães dados sobre imensos postos no interior, diferente do litoral que era marcado apenas por areais.

Em 1633, segunda incursão, os Sete Capitães dividem suas áreas territoriais, constroem currais, por exemplo, em Campo Limpo e no Cabo de São Tomé, originando, assim, peremptoriamente a pecuária em nosso município, tendo como prioridade o fornecimento (couro, carne, etc.) para o Rio de Janeiro como observa:

Assim como indicamos a data certa da introdução da cana-de-açúcar na terra goitacá – 14 de agosto de 1539 – também podemos fixar a data verdadeira da entrada ali, das primeiras cabeças de gado e levantamento do primeiro curral – 08 de dezembro de 1633. (LAMEGO, 1945, p. 25)

Com o passar do tempo, arrendaram parte da terra a vários colonos que manifestaram o desejo em habitar na região e labutar na pecuária. Logo após, vieram os religiosos (Jesuítas e

Benedictinos). O convívio dos índios com os lusos melhorou a partir daí. É oportuno destacar que a receptividade do indígena ao branco foi notória, como atesta:

O índio Goitacá sempre deu hostilidade ao fugitivo e ao naufrago que lhe pedia proteção. Era generoso e hospitaleiro para o fraco, mas nunca se esquecia do mal que ele ou os seus recebessem, e sua vingança crescia à proporção do tempo que ele era obrigado a esperar. (FEYDIT, 1979, p. 22)

Por um período de duas décadas, os Sete Capitães imperaram com certa tranquilidade na região.

Com a instalação de colonos na região, arrendatários dos sesmeiros, e o gado produzindo bons resultados, aumenta o interesse de poderosos do Rio de Janeiro nas terras. Dentre eles, destacam-se o general Salvador Correia de Sá, o governador da capitania, e os jesuítas e beneditinos. Em 1648 é realizada uma nova partilha das terras, firmando-se uma “escritura de composição”, onde os antigos proprietários e seus herdeiros perdem a maior parte das terras. Os maiores quinhões passam a ser os do general e o dos jesuítas. (FREITAS, 2011, p. 5)

Depois com a chegada de pessoas de moral não tão ilibada, incentivadas pela Escritura de Composição, sendo o mais renomado o general Salvador Correa de Sá e Benevides, apaniguado do poder colonial brasileiro, houve uma grande transformação.

Os Sete Capitães, agora restritos a dois (três faleceram e dois deixaram o país) passaram a receber uma pequena parte das terras que possuíam, pois, forçados pelas circunstâncias, ficaram receosos com a perda total das posses. Dessa forma, Miguel Maldonado e Antonio Pinto assinaram a Escritura de Composição (1648). Com isso, legalizou-se uma perda considerável de seus latifúndios.

1648 - SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES, governador do Rio-de-Janeiro, tem notícia dos Campos dos Goitacás. Abusando de seu poder e posição, e de parceria com jesuítas e beneditinos, compele os capitães ainda vivos a assinarem uma escritura de composição, na qual governador e religiosos são bem aquinhoados na partilha da planície. Promessa de respeito aos herdeiros dos capitães, - "hereos" -, na parte que lhes toca. (LAMEGO, 1945, p. 85)

Dessa forma, com a nova divisão dos latifúndios (Escritura de Composição), os primeiros proprietários e seus familiares perdem grande parte das terras, ou seja, quase tudo passa para o general e para os religiosos. A partir de então, a pecuária continuou em ascensão, despontaram os primeiros canaviais, sempre com o protagonismo da Baixada Campista, que serviu nesse período de refúgio.

Certamente contribuem para êsse aumento dois fatores: o isolamento da Capitania e seu respectivo desgoverno. É um refugium-peccatorum ideal para, toda essa malta, em contas com a justiça do Rio-de-Janeiro. Isso não explicará, todavia, o extraordinário acréscimo que daí por diante viria a acentuar-se, tornando Campos em 1920 o município de maior população do Brasil, excetuadas algumas capitais de Estado. (LAMEGO, 1945, p. 121)

Até o século XX, especificamente década 50, houve um isolamento quase que total entre a Baixada (Distritos) e a cidade de Campos dos Goytacazes.

Por isso é que o isolamento histórico-geográfico do campista, ligado ao espantoso desenvolvimento econômico-industrial da planície, deve merecer dos sociólogos a mais interessa investigação. Ali se encontra uma cultura, Fé, sem quebra de continuidade, foi surgindo e alastrando-se por si só, e sem recursos de outras fontes que o próprio homem enraizado na planície. O meio físico copioso de possibilidades, mas aspérrimo de empecilhos, selecionou e preparou o homem para a luta, permitindo o despontar de grandes atributos hereditários numa fecunda população que vertiginosamente se multiplica. (LAMEGO, 1945, p. 135)

Os distritos não mantinham idêntico contato com a metrópole, por isso não recebiam, com a mesma intensidade, as mudanças idiomáticas que nela ocorreram.

Até então isolado do mundo pelas comunicações precárias, não conhecera outra vida. Os próprios imigrantes são da mesma classe. O tempo do senhor do engenho, do grande sobrado civilizador, ainda não chegou. Estamos na época da engenhoca e do casebre de sopapo. (LAMEGO, 1945, p. 153)

Dessa forma, há, indubitavelmente, vocábulos do português medieval que foram mantidos em Campos dos Goytacazes devido também ao isolamento geográfico, isso ocorreu na Planície Goytacá. Consiste no fenômeno de “congelamento linguístico” de termos do Português arcaico na citada região,

O campista não tem saída. A natureza deu-lhe uma terra privilegiada, mas bloqueou-o solitariamente. E assim é que não basta essa tremenda luta humana para conquistar a gleba, que vimos ao seguir a sua história. Além do esforço contra o meio seletivo e da pugna heróica contra o donatário, resta ainda a grande tarefa de ligar a terra ao Mundo. De nada vale todo o brilho cultural sem o escoamento para os produtos e sem o intercâmbio com a civilização. (LAMEGO, 1945, p. 176)

Em nível nacional, no período de 1956 a 1961, vigorava o Plano de Metas. Tratava-se de um programa econômico implementado pelo presidente Juscelino Kubitschek que objetivava a modernização do Brasil, incrementando um clima desenvolvimentista, por isso o lema “50 anos em 5”, elaborado pelo poeta Augusto Frederico Schmidt. O audacioso projeto impulsionou a economia através de um profundo investimento em industrialização, assegurado não só pelo âmbito público, mas também pelo privado.

A integração do território pelas estradas e a expansão da frota nacional de veículos permitem, entre outras coisas, descrever a imposição do sistema de circulação rodoviária no Brasil. O aumento da frota total foi extraordinário: 7,6 vezes entre 1950 e 1970. (SANTOS, 2008, p. 176).

Esse aspecto desenvolvimentista também teve eco em Campos dos Goytacazes, pois a partir de então, houve uma maior ligação entre os distritos e a sede do Município, entretanto os traços culturais do colonizador, sobretudo os linguísticos, ficaram, depois de séculos de isolamento, indelévels no inconsciente coletivo do povo da Baixada, e esses resquícios passaram a ser estigmatizados.

A partir da década de 1950, aumentou o processo de urbanização da cidade e também de suas sedes distritais. A ocupação ultrapassou o limite das ferrovias, expandindo-se em todas as direções na forma de grandes loteamentos. Nesta época a cidade apresentava um centro urbano, muitos bairros estruturados e vazios urbanos, inclusive próximos à área central. (COSTA, ALVES, 2004).

Dessa forma, o isolamento secular da Baixada Campista fez com que o aspecto linguístico ficasse desatualizado em relação às mudanças ocorridas, principalmente no aspecto lexical.

O homem estabilizou-se em suas fazendolas. O seu mundo é todo ali: a casa de moradia, a família, o engenho, os escravos, o gado de serviço e os canaviais. Uma vez por outra, vai à vila. (LAMEGO, 1945, p. 129)

Os primeiros moradores da Baixada, durante os séculos XVII e XVIII, utilizaram o vocabulário padrão da época. Entretanto, além do isolamento geográfico, houve uma estratégia ideológica para que a população não tivesse acesso às informações, aos conhecimentos, ou seja, quanto mais incultos, mais fácil de dominá-los. Isso foi relatado pelo Marquês de Lavradio ao seu sucessor D. Luiz de Vasconcelos, como atesta:

De modo algum confia neles o governo do Rio de Janeiro, porque aquelas gentes ainda estão com as idéias muito frescas da má criação que tiveram. Todo o cuidado é pouco com esse povo que nascera de levantes. Com ele, nada de ensinamentos. Deixá-lo inculto é a melhor arma para governá-lo. Assim é que o ex-Vice-Rei desenganado aconselha ainda a seu sucessor: "é preciso ter um grandíssimo cuidado em não consentir que para ali se vão estabelecer letrados rábulas ou outros homens de espíritos inquietos; porque, como aqueles povos tiveram má criação, em aparecendo lá um desses, que, falando-lhes uma linguagem mais agradável ao seu paladar, convidando-os para alguma insolência, eles prontamente se esquecem do que devem, e seguem as bandeiras daqueles". (LAMEGO, 1945, p. 127)

Por isso, não só o distanciamento espacial, mas também o difícil acesso ao saber não lhes permitiram o contato com as mudanças pelas quais passou a Língua Portuguesa. Dessa forma, houve a cristalização dos vocábulos na sua forma arcaica. Isso não ocorreu somente no município de Campos dos Goytacazes/RJ,

Grande número de palavras na língua arcaica vive ainda hoje em uso na língua do Nordeste. Transmitidas pela tradição oral, têm-se conservado resistentes à natural evolução do Português. Algumas vezes, a palavra permaneceu na língua culta, mas modificou o seu sentido. O povo ainda a emprega, entretanto com a mesma significação do século XVI. (MARROQUIM, 1996, p.139)

Coerente à estratégia de não proporcionar instrução sistemática à população da Baixada, não houve interesse em facilitar o ensino regular para as regiões dos distritos, tanto que, somente com o

advento da República (1889), o poder municipal resolveu democratizar o ensino à população rural, e de maneira bem tímida.

Com o aumento da população rural e já no tempo da República, a Prefeitura elevou o número de escolas municipais a 50, destinando 3 escolas para cada distrito. (SOUSA, 1935, p.156)

E, mesmo assim, a cidadina, oriunda da camada popular, não teve a vida escolástica facilitada, pelo contrário: a elite de Campos procurou manter os mais humildes à margem do ensino regular.

No dia 7 de setembro de 1885, foi colocado solenemente o retrato do Dr. José Leandro de Godoy e Vasconcellos, no salão nobre do Liceu, justa homenagem ao presidente provincial que criara o estabelecimento. Pouco mais de três meses após aquela solenidade, o sucessor do Dr. Godoy decretou o fechamento do Liceu, dispensando os professores e mais empregados. Sempre o governo da Província, mui cioso de arrecadar os impostos do grande povo campista e abandoná-lo a toda sorte de necessidades. Muito avaro no coletar, mas ridículo e injusto em sua parcimônia... ao ponto de negar a instrução ao povo. Já em 1839, vimos em páginas atrás, o quanto a Câmara de Campos reclamava instantemente para que recomeçasse a funcionar a Aula de primeiras letras da cidade, que havia anos estava fechada. (SOUSA, 1935, p.156)

A educação formal em Campos era insignificante para as áreas mais humildes, ou seja, não havia interesse por parte do poder público, aparelho ideológico da classe dominante, em levar os saberes educacionais ao povo.

Ainda em 1840, a Câmara instava com o Governo Provincial para a criação de escolas, acentuando que a instrução neste município, composta de sete freguesias (distrito) e um curato (povoado com condições para se tornar uma freguesia), constava apenas de três escolas. Já por esse tempo, havia muitos colégios particulares, quase dez vezes mais que as escolas do governo. (SOUSA, 1935, p.146)

Portanto, os descendentes dos pioneiros da região rural, por não terem a possibilidade de atualização, reproduziram o anacrônico código linguístico e, conseqüentemente, passaram a ser alvo de estigmatização, de discriminação.

(...) Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um

instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social (...) (BORTONI-RICARDO, 2004, pág.33)

Além de ter noção do aspecto ideológico que permeou o ensino regular da Baixada Campista, outro fator de relevância para se entender as conservações linguísticas, é o pleno conhecimento do meio (senso histórico-social) em que estão inseridos os indivíduos da Baixada Campista.

Toda a história do açúcar e, conseqüentemente, a própria história social de Campos está enraizada a essa mancha de aluviões recentes, pequena em relação a área total ocupada. Todas as grandes repercussões econômicas e sociais, como adiante mostraremos, emanaram diretamente desse barro que enterrou o velho delta, dividiu naturalmente a gleba em um sem número de lagoas, insinuando a partilha da terra em propriedades médias e pequenas, incentivou lutas tremendas para essa divisão com o atrativo de um solo fertilíssimo e, paradoxalmente e ao mesmo tempo, conduziu toda essa plebe rural, eminentemente individualista, a grande monocultura que destrói a iniciativa particular. (LAMEGO, 1945, p. 29)

Com esse intuito, é oportuno destacar que a etnia portuguesa foi, historicamente, a que povoou a região, marcadamente ao que denominamos Baixada Campista.

Deixamos para remate desse capítulo a maior colônia de Campos, a dos gloriosos lusitanos. Explicações acerca da ação dos portugueses nesta cidade, como em todo o país, são prolixidades, pois, o português, para nós não é estrangeiro, é o mesmo povo, o mesmo idioma, a mesma religião, por isso são nossos irmãos, nossos pais, nossos avós. (SOUSA, 1935, p.121)

E essa presença lusitana na Baixa Campista influenciou demasiadamente o viés linguístico da região,

O linguajar acentuadamente português num pôrto de mar atrai a curiosidade, ao mesmo tempo em que reafirma e acentua a exclusiva ascendência lusa do campista fechado na planície interna. (LAMEGO, 1945, p. 164)

Dessa forma, os elementos lexicais foram conservados como corretos, pois assim o eram para aqueles que conviviam no círculo fechado da Baixada, porém como a sede de Campos teve acesso às mudanças linguísticas que são inerentes a qualquer idioma, o preconceito à linguagem dos distritos foi intenso.

(...) Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças ente povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema (...)(LARAIA, 2006, pág. 101).

Por isso, é oportuno ressaltar que a população campista era predominantemente rural, como atesta Lamego:

Segundo o recenseamento de 1920 a cidade conta 45.430 habitantes para 128.672 da zona rural e um total no município de 173.102. Quer dizer que a relação entre a gente urbana e a rural já sobe a 1 para 2,83. Na primeira fase das usinas, a população de Campos duplicou, enquanto a da zona rural é somente 1,6 maior. Conforme dados obtidos pelo cálculo, a população em 1933 é de 64.614 para a área urbana, e 255.423 para a zona rural, dando um total, para o município, de 325.037 habitantes. (LAMEGO, 1945, p. 170)

Com isso, há, em nosso município, dois perfis educacionais: de um lado, uma população rural, concentrada nos distritos, de origem lusitana, articulando o antigo filão linguístico do colonizador; de outro, uma casta urbana inserida no processo das mudanças culturais da cidade.

Em termos lexicais, a memória histórica dos moradores da Baixada traz à tona construções fonéticas provenientes de resquícios culturais pertinentes ao padrão linguístico do período da colonização. Portanto, a linguagem da Baixada Campista apresenta-se através de:

[...] empregos de palavras tradicionais, hoje quase ausentes do uso coloquial culto, como apresentar, delir deambular, cortesia, escureza, desentessar, imanar, olência, grave olência, a desoras, etc., o que se explica, a meu aviso, pelas próprias raízes da Baixada, plantadas pelos portugueses, que fundaram os seus primeiros núcleos de civilização, importando ressaltar a ação dos jesuítas e beneditinos, que se estendeu por toda a região, em decorrência de o Mosteiro de São Bento, em 1648, ter recebido um

quinhão de terras na Campitania de São Tomé e avançado seus domínios em terra por compra ou legado. Sendo a comunidade local conservadora, a transmissão oral, em perspectiva histórica, fixou tais formas linguísticas, passando-as de geração em geração. (BARCELOS, 1992, p. 17-18)

Dessa forma, os elementos lexicais predominantes na área rural do município de Campos dos Goytacazes são mecanismos linguísticos oriundos das tradições medievais,

(...) A diatopia ocorre sempre em um plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares sociais (...) (PRETI, 2003, pág. 24)

3. PERCURSOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Em face das inúmeras metamorfoses linguísticas, do isolamento geográfico e do teor ideológico de dominação ocorridos na Planície Goytacá, surgem peculiaridades fonéticas que merecem uma análise mais detalhada.

A título de ilustração, no aspecto comparativo entre o léxico utilizado pelos moradores da Baixada Campista e o vocabulário medieval, pode-se analisar a permuta do fonema L por R, pois isso ocorre desde as primeiras transformações do Latim, como é possível perceber na mudança do vocábulo BLANCO para BRANCO. Esse câmbio de fonemas é denominado rotacismo (troca do L pelo R). Antes de partir para análises baseadas na pressuposta ignorância dos campistas, é importante ressaltar que esse fenômeno aparece em obras clássicas como, por exemplo, em “Os Lusíadas”, em 1572, de Camões:

- E não de agreste avena ou *frauta* ruda(Canto I, verso 5)
- Doenças, *frechas*, e trovões ardentes (conto X, verso 46)
- Era este *ingrês* potente (Canto VI , verso 47)
- Nas ilhas de Maldiva nasce a *pranta* (Canto X, verso 136)

Esses exemplos, presentes na mais famosa obra literária portuguesa, demonstram que alguns vocábulos com o mesmo fenômeno (rotacismo) eram cultos no léxico lusitano renascentista. Até porque, nesse período histórico, a Língua Portuguesa já se encontrava delineada: apresentava existência autônoma em relação aos demais idiomas da Península Ibérica. Grande parte dos vocábulos inseridos no Português – por via erudita – surgiu no Renascimento através de autores como Luís de Camões, João de Barros, Sá de Miranda, Antônio Ferreira, por exemplo.

O citado fenômeno linguístico é possível compreender através do percurso histórico das palavras latinas, já que estas, quando apresentavam o L do encontro consonantal, permutavam para R:

LATIM	PORTUGUÊS
DUPLU	DOBRO
CLAVU	CRAVO
PLACERE	PRAZER
PLAGA	PRAIA

Isso demonstra a tendência na Língua Portuguesa de transformar o L em R dos encontros consonantais, ou seja, o rotacismo. Nos textos medievais, aparecem inúmeros casos com esse cunho: “simpres”, “fror”, “frauta”. Portanto, quando o morador da Baixada Campista utiliza o R e não o L – tanto na fala, quanto na escrita– ele está ratificando essa tendência marcante no idioma há séculos. Até porque, os citados fonemas são bem próximos quanto a sua articulação, ou seja, materializam-se pelo aparelho fonador de maneira semelhante, por isso a grande probabilidade de permuta entre eles: o rotacismo não se trata do resultado da ignorância dos falantes, pois esse fenômeno ocorreu na formação do português e, conseqüentemente, influenciou na construção do léxico lusitano.

Além disso, é de conhecimento geral que a língua portuguesa traz em seu bojo a herança de uma cultura lexical marcada por um latim alterado devido às circunstâncias pertinentes a situações intrínsecas à Península Ibérica. Essa região passou por várias invasões e com elas surgem um tripé linguístico:

- a) O galego-português (Oeste)
- b) O castelhano (Centro)
- c) O catalão (Leste).

A urgência de se criar uma gramática própria da Língua Portuguesa partiu de Portugal, como estratégia de mostrar força em relação à Espanha. Com a ocupação do solo brasileiro por parte dos lusitanos, a língua aqui implantada teve como norte o português arcaico.

O português brasileiro é uma continuidade do português arcaico, com pequenas alterações.
(NARO, 2007, p.13)

Por isso, é oportuno o comentário a respeito da questão linguística na qual se encontrava o Brasil no século XVII:

No período de que estamos tratando a situação linguística do Brasil pode ser assim resumida. Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. (TEYSSIER, 2001, p. 94)

No Brasil, os bancos escolares deram a primazia ao Latim, pois este representava a língua da cultura erudita. Desta forma, os moradores da cidade tiveram acesso ao estudo da Língua Portuguesa de viés brasileiro, ou seja, aos estudos de Fausto Carlos Barreto e ao latim como alicerce linguístico, como suporte etimológico.

Já os habitantes do meio rural se mantiveram com o português arcaico, porém na época era o padrão. Essa foi a base linguística dos moradores da Baixada Campista.

Claro, no léxico, como em outros componentes da estrutura linguística, o impossível não acontece. Mas, como o léxico é um depósito de signos construídos, temos na lista virtualmente tudo o que aconteceu. (BASÍLIO, 1987, P. 13)

Mesmo com o amplo esforço de instaurar a reforma de Fausto Carlos Barreto, esta não atingiu a sua plenitude territorial, pois não havia acesso facilitado aos distritos e nem interesse na total inserção da população aos novos conhecimentos.

Dessa forma, o processo linguístico de distinção aconteceu daí em diante em ampla escala, provocando a variação social ou diastrática (variação linguística em função dos estratos sociais) por todo o território brasileiro, ou seja, a linguagem que é vista de forma pejorativa em nossa cidade (campistês) é um fenômeno linguístico nacional, pois há inúmeras regiões no país que ainda apresentam um léxico de herança medieval. São locais que ainda mantêm, intensamente, os elementos culturais originais dos colonizadores, principalmente na esfera linguística.

Foi o que aconteceu em relação ao município de Campos dos Goytacazes, já que, historicamente, foi colonizado por portugueses que se dirigiram para a Baixada, pois nela havia a possibilidade de subsistência, uma vez que ali se constituiu um lugar propício à agricultura e à pecuária.

Já farfalham os primeiros canaviais. Já começam alguns habitantes a grupar-se nas únicas elevações à margem sul do rio, entre a cordilheira e o mar, -

único local isolado e singularmente predestinado à cidade futura.(LAMEGO, 1945, p. 83)

A Baixada Campista, por possuir uma terra adequada para a plantação da cana de açúcar, pontificou uma firme contribuição histórica para toda a população de Campos. E essa fixação territorial foi fundamental para que houvesse uma preservação linguística em oposição aos elementos gramaticais presentes na área urbana.

É oportuno ressaltar que no deslocamento da linguagem oral para a escrita, acontece a fixação de uma variedade linguística. Com isso, a escrita pode ser entendida como mecanismo de ampliação cultural que possibilita a presença das diversidades fonéticas.

Entretanto, a variedade linguística não se restringe somente da transposição da oralidade para a escrita. No caso do município de Campos, ocorre a existência de vocábulos que pertenciam ao padrão culto, clássico da linguagem, mas que hoje fazem parte da linguagem não padrão e, conseqüentemente, à margem na sociedade e com isso, os campistas que a usam são tachados de incultos, labregos. Porém, na verdade, eles estão usando um linguajar que evoca uma herança histórica da Língua Portuguesa.

(...) temos o falar de uma população proveniente de vários pontos de Portugal que, posta em contato num meio tão diverso, elaborou um denominador comum que não participava das mudanças operadas na metrópole e que, por isso mesmo, era muito conservador. (SILVA NETO, 1986, p.595)

Esse falante passa a ser alvo de estigmas que o estimulam, por exemplo, a não permanecer nos bancos escolares, já que o ensino mostra uma tendência de desprestigiar não só as noções sociais, como também, as histórico-culturais pertinentes ao desenvolvimento linguístico.

O não conhecimento histórico da formação da língua portuguesa e da profundidade lexical que permeia a Baixada Campista são os alicerces do preconceito linguístico que ocorre no citado município. Portanto, a discriminação referente à linguagem é algo comum aos ambientes escolares por não haver deferência às variedades linguísticas. O pleno conhecimento da Língua Portuguesa deve provocar discussões a respeito dos elementos intrínsecos e extrínsecos a construção linguística.

Ao chegar à escola, o aluno não mais se depara com uma situação em que uma nova língua deverá ser adquirida em detrimento da variação a que foi exposto no seu meio, mas a ele é oferecida uma oportunidade de familiarizar-se com uma outra forma de uso da língua, numa compreensão de que as experiências vivenciadas são diversificadas e resultam de diferentes contextos socioculturais (VIANA, 2000, pág. 1)

É necessário que exista uma conscientização plena das diversidades linguísticas da Língua Portuguesa, mesmo que nos bancos escolares a língua ensinada seja o português padrão. Além disso, deve ser destacado que a utilização da forma hoje rotulada padrão na língua portuguesa, não se constitui instrumento de ascensão social. Como afirma Bagno, 2007, p. 69:

Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”.

A escola deve considerar as inúmeras possibilidades linguísticas marcantes no município e ter a percepção que nem sempre essas diferenças são meros “erros”, mas sim uma forte herança vocabular da Língua Portuguesa dos séculos XV, XVI, XVII, que naquele momento era o padrão.

As inúmeras variantes gramaticais presentes no município de Campos dos Goytacazes são manifestações linguísticas provenientes do processo de colonização da Baixada Campista, que teve como paradigma o português medieval. Dessa forma,

Possuidor de um tesouro de signos que tem a faculdade de multiplicar infinitamente, o homem é capaz de assegurar a retenção de suas idéias eruditas,

comunicá-las para outros homens e transmiti-las para os seus descendentes como uma herança sempre crescente. (Laraia, 2006, p. 26)

4. O PRIMEIRO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Houve uma época em que as línguas eram mais maleáveis do que hoje. Na Língua Portuguesa, a palavra “seringa”, por exemplo, poderia ser grafada, também, “cinga”, “ciringa”, “xeringa”, “xiringa” alternadamente em um mesmo texto. Nos tempos atuais, um idioma é um elemento cultural com um perfil normatizado graças a textos de Cervantes, Shakespeare, Camões, pois seus escritos consagraram vocábulos e auxiliaram na sua formação de um patrimônio linguístico. Entretanto, a maior influência por essa rigidez dos idiomas (tanto no campo gráfico, quanto no semântico) se deve aos dicionários.

Os dicionários recolhem o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social. (BIDERMAN, 2001, p. 132)

Os dicionários como concebemos hoje são recentes, pois o que existiu durante séculos foram dicionários bilíngues, que serviam para tradução e para o ensino de outra língua. Não havia ainda a ideia da metalinguagem: a composição de um livro mostrando os vocábulos de um idioma utilizando os vocábulos desse mesmo idioma.

[...] os dicionários monolíngues que visam ao aprendizado da língua materna são relativamente recentes, datando do século XVI, momento em que se formam os estados nacionais. Foram necessários, portanto, muitos séculos para se chegar à concepção moderna do dicionário como instrumento que se utiliza para (re)conhecer a própria língua (NUNES, 2006, p. 12).

Pode-se entender um dicionário como uma fonte excepcional do legado linguístico de uma sociedade, pois consiste em um testemunho de uma língua, por se tratar de um recorte temporal historiográfico, já que é organizado sob a forma lexicográfica, isto é, os vocábulos prestigiados, valorizados de uma determinada época.

Por consistir em um espaço imaginário de certitude, sustentado pela acumulação e pela repetição, [...] constitui um rico material para análise dos modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas. Nele as significações não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que se apresentam traços significativos de uma época (NUNES, 2006, p. 11).

Dessa forma, o dicionário é um recurso riquíssimo da formação linguística de um povo, por se tratar de um testemunho escrito de um idioma, sendo um dos elementos do seu patrimônio cultural. Além disso, as obras lexicográficas acolhem a língua mais idealizada, já que são dicionarizadas as palavras aceitas pelo ambiente acadêmico. Por isso, a escolha para a pesquisa de um dicionário, pois, assim, ficaria evidente que o vocabulário utilizado pelos moradores da Baixada Campista era o culto, o padrão da Era Medieval.

No caso, a opção foi pelo dicionário *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728), de Raphael Bluteau, pois a citada obra procurou refletir a vida cotidiana e as tensões da casta social dominante, sendo reflexo de uma Lisboa elitizada, do fortalecimento do poder régio de D João V e do perfil cosmopolita da Capital,

A obra de Bluteau pode ser [...] categorizada como um dicionário enciclopédico que reflete a época em que o autor viveu, época cujo imaginário está ligado a reis, monarcas, rainhas, princesas, batalhas, cavaleiros e igreja. Neste sentido, transmite com fidelidade a mentalidade de seu tempo. A análise de usa obra possui, assim, um interesse sociolinguístico. (MURAKAWA, 1997, p. 497.)

É oportuno ressaltar que o citado dicionário foi elaborado com o intuito de ser uma obra oficial, de teor acadêmico, isso corrobora com a ideia de que as palavras da população da Baixada Campista, presentes no dicionário – metonimicamente falando – de Bluteau são arcaísmos e não desvios gramaticais, já que em uma determinada época foram cultuadas pela elite lusitana, pois um dicionário registra o léxico de uma língua, sobretudo, o utilizado pela classe dominante.

Objetivando a normatização da grafia portuguesa, Bluteau organiza regras e leis ortográficas alicerçadas no estudo etimológico dos vocábulos, por isso não se trata somente de um dicionário de palavras, mas sim de uma obra com vasta amplitude, sendo considerado um dicionário de valor enciclopédico.

O desejado dicionário será iniciado e concluído pelo padre teatino Rafael Bluteau, que chega a Portugal em 1668, com 30 anos, e que compila uma imensa obra tendo por base o material que acumulou para aprender a língua, adaptando-o aos modelos lexicográficos da sua preferência. Bluteau será, para a história da língua e também para cultura portuguesa, um activo intermediário da cultura francesa e do património dicionarístico europeu. Beneficiando de um percurso excepcional de formação, adquiriu a experiência do contacto multilíngue, falando e escrevendo em inglês, francês, italiano e, por fim, em português. Os seus textos permitem concluir que comparava e entendia as línguas na perspectiva da intercomunicação de significados, e não de acordo com descrições gramaticais. Os dicionários foram para Bluteau um meio essencial para a aprendizagem das línguas e um instrumento de acesso à erudição e ao conhecimento actualizado. (SILVESTRE, 2008, p. 8)

Trata-se de um trabalho que teve a primazia de fixar um léxico autorizado em Língua Portuguesa, pois teve como mérito a pesquisa de 410 obras, aproximadamente, de 288 autores lusitanos dos séculos XV ao XVIII, com isso o dicionarista elaborou uma obra grandiosa. Consiste em um dicionário vastíssimo, uma das produções mais prestigiadas do universo lexicográfico até os dias de hoje, pois se constituiu como referência em se tratando de lexicografia, uma vez que se tornou em um instrumento de regulamentação linguística.

Por isso, o autêntico dicionário da Língua Portuguesa é o respeitadíssimo *Vocabulario Portuguez e Latino*, formado por oito volumes,

Mostra-se mister destacar que o “Vocabulario Portuguez & Latino”, de Raphael Bluteau (1712-1728), foi publicado em oito volumes, há quase três séculos e serviu de referência a várias obras lexicográficas posteriores, dentre elas a de Moraes, publicada pela primeira vez em 1789, tendo este considerado a si próprio apenas um reformador da obra de Bluteau, conferindo-lhe, por isso, todo o mérito de sua obra. Em virtude disso, a obra de Bluteau representa um marco para a lexicografia moderna. (Xavier, 2011, p.7)

Resultado linguístico do léxico do século XVIII, o Vocabulário é de uma amplitude admirável e de variados enfoques. Por isso, o dicionário de Bluteau

atualizou e aumentou cinco vezes mais aproximadamente o 'corpus' lexical português até então dicionarizado, e passou a constituir uma referência obrigatória e quase definitiva para toda a lexicografia subsequente. (VERDELHO, 2002, p.23)

É oportuno ressaltar que Bluteau procurou preencher o vácuo de uma nação atrasada em relação ao patrimônio dicionarístico europeu, sobretudo com o padrão francês.

Dessa maneira, foram observadas e registradas palavras, de acordo com os elementos linguísticos pertinentes à Baixada Campista, até porque sem a comunidade não há interação, e daí o valor de se compreender a ligação existente entre língua, sociedade e cultura, e também, ter a percepção de que através da vida em sociedade e do legado cultural é que acontecerão as transformações do idioma. A partir das transcrições, foi elaborado um glossário levando em conta a herança linguística medieval presente na Baixada Campista. A análise das transcrições objetivou identificar e descrever as produções que caracterizam os elementos lexicais típicos da mencionada região, ou seja, os resquícios que ocorreram no percurso histórico da Língua Portuguesa, tendo como suporte teórico os princípios evolutivos da língua ressaltados por Câmara Jr (1975), Robins (1983) e Bagno (2007).

Essa abordagem identificou vocábulos que apresentam uma construção lexical análoga aos colonizadores que se instalaram em Campos dos Goytacazes-RJ/Brasil, por meio de pesquisa bibliográfica, especificamente da utilização do dicionário "Vocabulário Portuguez e Latino", do padre Raphael Bluteau, do início do séc. XVIII, fazendo, através das informações obtidas, um glossário, com os vocábulos medievais –

de teor culto – ainda presentes na Baixada Campista, a fim de dimensionar a relevância linguística como ferramenta facilitadora no processo de respeito ao indivíduo, levando em conta a conservação lexical.

É oportuno destacar que a pesquisa apresentou um caráter histórico, social e espacial; delimitada pela fonética e ortografia mantidas no mencionado município, através de períodos históricos. Dessa maneira, foi possível detectar que os vocábulos pertinentes ao local de pesquisa foram recebendo um cunho pejorativo, em decorrência da mescla de situações sociais.

Os elementos gramaticais presentes na Baixada Campista (Baixa Grande, Tocos, Mussurepe, Campo Limpo, Saturnino Braga) trazem à tona os resquícios lexicais de um padrão linguístico oriundo da etnia lusitana, que com o tempo ficaram defasados ortograficamente em relação ao padrão do idioma utilizado pelos moradores da cidade, que tiveram acesso às transformações linguísticas.

Com a presente pesquisa, realizamos o alceamento de alguns vocábulos que ainda se mantêm na vida social na citada região rural, mas que, por outro lado, já se distanciaram da população urbana, visto que esta tende a considerar inferior o vocabulário extrínseco ao seu meio.

A composição do presente glossário visa a um duplo objetivo: elucidar a origem de diversos vocábulos presentes na sociedade campista e desmitificar a ideologia de que o léxico presente em Campos dos Goytacazes/RJ – pejorativamente tachado de campistês – seja fruto de indivíduos incautos.

Além do glossário pertinente à citada região e avalizada pelo mencionado dicionarista, houve também a utilização da grafia atual para dirimir qualquer dúvida, para isso foi utilizado o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) por se tratar da referência oficial, com o aval da Academia Brasileira de Letras (ABL), pois sua elaboração obedece, rigorosamente, às normas do ensino da Língua Portuguesa nos estabelecimentos de ensino.

5. GLOSSÁRIO

Português Medieval	Bluteau, Página	VOLP
Ábil	29	Hábil
Abitação	30	Habitação
Ábito	30	Hábito
Abituado	30	Habitado
Abobara	32	Abóbora
Aceado	75	Asseado
Acrecentar	107	Acrescentar
Adonde	133	Aonde
Advenida	15	Avenida
Ajuelhar	199	Ajoelhar
Ajuramento	21	Juramento
Alagoa	205	Lagoa
Alampada	206	Lâmpada
Alemoa	235	Alemã
Alevantar	237	Levantar
Almário	268	Armário
Ametade	334	Metade
Ancia	364	Ânsia
Antontem	411	Anteontem
Assúcar	116	Açúcar

Avenenado	664	Envenenado
Aza	688	Asa
Barguilha	51	Braguilha
Baxeza	73	Baixeza
Baxo	73	Baixo
Brabante	173	Barbante
Cabrunco	22	Carbúnculo
Canção	93	Cansaço
Caxa	220	Caixa
Ceboso	224	Seboso
Cementar	234	Cimentar
Ceremonia	250	Cerimônia
Codecorar	446	Condecorar
Com migo	479	Comigo
Comprir	429	Cumprir
Comvosco	580	Convosco
Cortezia	578	Cortesia
Cospir	583	Cuspir
Creceer	603	Crescer
Cuberta	626	Coberta
Cubrir	627	Cobrir
Curuja	580	Coruja
Debaxo	19	Debaixo
Decer	24	Descer
Defrutar	38	Desfrutar
Demostrar	57	Demonstrar
Descubrir	116	Descobrir
Desencajar	131	Desencaixar
Despeza	166	Despesa
Despois	169	Despois
Desprezável	171	Desprezável

Destimido	175	Destemido
Diciplina	214	Disciplina
Dicípulo	214	Discípulo
Diecese	216	Diocese
Difinidor	220	Definidor
Digirir	221	Digerir
Ebraico	5	Hebraico
Eccêntrico	6	Excêntrico
Efimiro	14	Efêmero
Embaxada	40	Embaixada
Embigo	43	Umbigo
Emfasi	52	Ênfase
Emisfério	53	Hemisfério
Emperador	62	Imperador
Emperatriz	62	Imperatriz
Empicilho	63	Empecilho
Emprasto	64	Emplastro ou Emplasto
Emproviso	74	Improviso
Encaxar	87	Encaixar
Endereitar	101	Endireitar
Enfaxar	107	Enfaixar
Enformar	111	Informar
Engulir	124	Engolir
Enquisição	128	Inquisição
Entena	139	Antena
Enterece	142	Interesse
Entonces	145	Então
Enveja	159	Inveja
Investida	161	Investida
Enzol	171	Anzol

Escaimbo	202	Escambo
Estâmago	306	Estômago
Estensão	317	Extensão
Estremidade	342	Extremidade
Estrupada	347	Estuprada
Exceição	372	Exceção
Exquisito	397	Esquisito
Exterrecer	400	Estarrecer
Farça	34	Farsa
Faxa	47	Faixa
Filhação	119	Filiação
Fracaço	191	Fracasso
Frauta	205	Flauta
Froco	218	Floco
Froxo	221	Frouxo
Geito	45	Jeito
Gingibre	76	Gengibre
Gingiva	77	Gengiva
Goloso	91	Guloso
Grangear	122	Granjear
Haro	9	Aro
Hombro	43	Ombro
Hontem	55	Ontem
Huivos	67	Uivos
Imigo	58	Inimigo
Impinar	71	Empinar
Impunhar	81	Empunhar
Ingrês	134	Inglês
Inguia	134	Enguia
Inviar	185	Enviar
Involver	187	Envolver

Isôfago	236	Esôfago
Jugador	216	Jogador
Jugar	216	Jogar
Lubisomem	195	Lobisomem
Menhã	421	Manhã
Mestura	458	Mistura
Minina	498	Menina
Minino	498	Menino
Nubrado	765	Nublado
Oje	50	Hoje
Olanda	53	Holanda
Omenagem	73	Homenagem
Ourina	146	Urina
Paderia	174	Padaria
Perjudicar	434	Prejudicar
Perjuízo	434	Prejuízo
Pertendente	452	Pretendente
Picina	533	Piscina
Pírola(Pírula, Pílola)	530	Pílula
Pranta	669	Planta
Precalços	678	Percalços
Priguiça	734	Preguiça
Quasi	25	Quase
Quental	48	Quintal
Quiz	51	Quis
Reposta	261	Resposta
Revindicar	316	Reivindicar
Rezão	322	Razão
Riguroso	336	Rigoroso
Saluço	460	Soluço

Sanfonha	469	Sanfona
Sobir	671	Subir
Sobmergir	671	Submergir
Sobmeter	671	Submeter
Sobornar	671	Subornar
Sobrexcellente	681	Sobressalente
Soceder	683	Suceder
Socegar	684	Sossegar
Socrestar	688	Sequestrar
Sogeito	692	Sujeito
Sordina	730	Surdina
Sospeitar	737	Suspeitar
Sostentar	738	Sustentar
Sotil	740	Sutil
Tisouro	178	Tesouro
Vigairo	485	Vigário
Visinho	525	Vizinho
Xeringa(Xiringa, Ceringa, Ciringa)	616	Seringa

Caso que merece destaque é a presença do CÊ cedilha inicial. Em primeiro momento, é oportuno destacar que, modernamente, o CÊ acompanhado de cedilha não se constitui em uma letra, mas sim a união da letra CÊ com a presença do sinal diacrítico cedilha. Historicamente, coube à língua espanhola a invenção da cedilha, especificamente no século XI, tendo como origem a palavra “zedilha”, pequeno Z, ou seja, a cedilha era um Z minúsculo que se colocava abaixo do CÊ para marcar que a letra correspondia ao fonema S, a esse respeito o próprio Bluteau se posiciona em seu dicionário,

Na ortografia portugueza acho huma tao grande variedade no uso do cedilho neste lugar que não sei com distinguir as palavras que hão começar com "Ça" das que hão de principiar por "Sa". A pronunção destas duas sílabas, ainda que escritas com diferentes caracteres, são semelhantes. (BLUTEAU, 1712, p. 221)

Para efeito de ilustração, seguem os exemplos:

Português Medieval	Bluteau, Página	VOLP
Çafira	221	Safira
Çafra	221	Safra
Çaga	221	Saga
Çaguão	221	Saguão
Çapataria	221	Sapataria
Çapato	221	Sapato
Çapo	221	Sapo
Çoco	600	Soco
Çótao	600	Sótão
Çujar	649	Sujar

6. CONCLUSÃO

Pode-se afirmar que é inerente a qualquer sociedade um conjunto de valores culturais e um patrimônio de saberes e experiências oriundos dos antepassados, já que o conhecimento é transmitido oralmente nas sociedades primitivas. Por isso, as matizes lexicais da população da Baixada Campista estão presentes nas teias das relações experimentadas anteriormente com lusitanos e repassadas para as novas gerações, mantendo, assim, o antigo filão linguístico do colonizador português.

Dessa forma, a linguagem, esfera social que sempre exerceu fascínio sobre o ser humano, uma vez que o possibilita a nomeação, criação e transformação do mundo real, faz com que se perceba a realidade histórico-social do falante. Consequentemente, a língua (bem comum a todos) não pode ser rotulada como melhor ou pior, superior ou inferior, sobretudo em um lugar onde adversidade linguística é tão marcante.

Além disso, no processo de ensino-aprendizagem da língua, o ambiente escolar precisa se conscientizar a respeito da importância de se basear nas práticas de ensino que articulem culturas locais e universais, visando à consciência cidadã voltada para o espírito crítico do educando, por isso a importância de se valorizar a linguagem do corpo discente como estratégia de prestigiar a cultura que cada comunidade traz em si.

Ao realizarmos esse apuramento, houve o resgate de uma parcela da cultura campista, visto que objetivamos detectar os liames que os vocábulos apresentam com aspectos da realidade local. Portanto, nossa pesquisa é um recorte de um momento histórico.

Em suma, espera-se que os elementos desse artigo contribuam e, simultaneamente, forneçam subsídios às pesquisas linguísticas acerca da língua no período medieval e suas reverberações na variedade portuguesa existente em Campos dos Goytacazes(RJ) e, por extensão, no Brasil.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Editora Global. São Paulo: 2009.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BAGNO, M. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. 49 ed. Edições Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARCELOS,Álano. A Linguagem da Baixada Goytacá.Rio de Janeiro: Lucerna, 1982.

BASÍLIO, Margarida. Teoria Lexical. São Paulo: Ática, 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2001.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulárioportuguez& latino: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.

BORTONI-RICARDO, STELLA MARIS, Educação em Língua Materna – “A Sociolinguística em Sala de Aula”, PARÁBOLA, SÃO PAULO, 2006.

CAMARA JR., J. M. História da Linguística. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1999.

CARVALHO, Augusto de. Apontamentos para a Historia da Capitania de S. Thom'e. Campos: Typ. eLith. de Silva, Carneiro &Comp, 1888.

COELHO, A. (1881) A língua portuguesa. Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz Editores.

COSTA, Aline Nogueira; ALVES, Maria da Glória. Monitoramento da expansão urbana do município de Campos dos Goytacazes – RJ, utilizando Geoprocessamento. In: SIMPÓSIO

BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 12., Goiânia, 2004. Anais... p. 3731-3738. INPE: Goiânia, 2005. Disponível em: . Acesso: 3 out. 2015.

FEYDIT, Júlio. Subsídios para a História de Campos dos Goytacazes, 1900, 2a.ed. 1979.

FREITAS, Carlos e PLUHAR, Cristiano_ Mappa Topographico do Districto dos Campos Goiatcaz – 1785

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: _____.; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 91-108.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. O Homem e o Brejo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Geografia, 1945.

LARAIA, Roque de Barros, Cultura, um Conceito Antropológico, JORGE ZAHAR EDITOR, RIO DE JANEIRO, 2006.

MARROQUIM, Mário. [1934] A língua do Nordeste. 3ª. ed. Curitiba: HD Livros Editora. 1996

MENDONÇA, Renato. O português do Brasil, Rio de Janeiro, MEC/Civilização Brasileira, 1973.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Os dicionários de Bluteau, Morais e Vieira e sua importância na história da Lexicografia portuguesa. In. Actas do Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. v. II, p. 495-503, 1997.

NARO, Anthony Julius e SHERRE, Maria Marta Pereira. As origens do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2007.

NUNES, José Horta. Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX. São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

PRETI, Dino Fioravante, Sociolinguística – Os Níveis da Fala, EDUSP, SÃO PAULO, 2003.

ROBINS, R. H. Pequena História da Linguística, trad. Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1983.

Roteiro dos Sete Capitães. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: IHGB, 1893.

SANTOS, Milton. Espaço e método. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SILVA NETO, S. História da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1986.

SILVESTRE, João Paulo: Bluteau e as origens da lexicografia moderna, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008

SOARES, Magda. Linguagem e escola. São Paulo: Ática, 1989.

SOUSA, Horacio. CycloAureo – a História do 1º. Centenario de Campos 1835-1935. Campos dos Goytacazes: Artes Graficas – Escola de Aprendizes Artifices, 1935.

TEYSSIER, Paul. História da língua portuguesa. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VERDELHO, T. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Org.) História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro. São Paulo: Pontes, 2002. p.15-64

VIANA, M.A. As mudanças na morfologia da língua portuguesa: fatores intervenientes. Recife: Academia Pernambucana de Letras, UFPE, UNICAP, 2000.

Xavier, Vanessa Regina Duarte. Conexões léxico-culturais sobre as minas goianas setecentistas no "Livro para servir no registro do caminho novo de Parati.ReVEL, v. 9, n. 17, 2011.